

Orquestra Gulbenkian

Miguel Sepúlveda
Vera Dias
Bin Chao



GULBENKIAN
MÚSICA

19 set 23

19 set 23 TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian
Miguel Sepúlveda Maestro
Vera Dias Fagote
Bin Chao Violino

Wolfgang Amadeus Mozart

Abertura da ópera *As bodas de Figaro* c. 04 min.

Concerto para Fagote e Orquestra,
em Si bemol maior, K. 191 c. 18 min.

1. *Allegro*
2. *Andante ma adagio*
3. *Rondo: Tempo di menuetto*

Édouard Lalo

Sinfonia espanhola, em Ré menor, op. 21 c. 32 min.

1. *Allegro non troppo*
2. *Scherzando: Allegro molto*
3. *Intermezzo: Allegro non troppo*
4. *Andante*
5. *Rondo: Allegro*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 60 min.
CONCERTO SEM INTERVALO

Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

Abertura da ópera *As bodas de Figaro*

COMPOSIÇÃO 1786

ESTREIA Viena, 1 de maio de 1786

DURAÇÃO c. 4 min.

A ópera *As bodas de Figaro* foi composta em 1786, resultando da primeira colaboração de W. A. Mozart com o libretista Lorenzo Da Ponte (1749-1838). Este último, por indicação do compositor, adaptou a obra homônima de Pierre Beaumarchais, focando-se mais nas dimensões amorosa e cômica, e menos nos elementos de crítica social. O argumento foca as peripécias e contratempos associados ao casamento de Figaro e Susana, empregados do Conde Almaviva,

recorrendo a recursos habituais explorados na *opera buffa*, como a troca de identidades e mal-entendidos, entre outros. A abertura, que consta ter sido composta dois dias antes da estreia, é relativamente curta na sua duração e introduz rapidamente o ouvinte ao tom vivo e arrojado dos eventos frenéticos que estarão por vir, ainda que sem referência aos temas da ópera. A música desenvolve-se num único fôlego, iniciando com figuras que parecem aludir ao som de boatos que anunciam o mundo de intrigas. Transforma-se depois num tema enérgico, de efeito quase rodopiante, convocando toda a orquestra de modo vivo e exuberante.

Concerto para Fagote e Orquestra, em Si bemol maior, K. 191

COMPOSIÇÃO 1774

DURAÇÃO c. 18 min.

W. A. Mozart regressou a Salzburgo em 1773, depois de uma enriquecedora, mas algo frustrante digressão por Itália. Seguiu-se uma breve passagem por Viena, mas as oportunidades de trabalho que surgiam não estavam à altura das suas expectativas e das do seu pai. De volta a Salzburgo, continuou as suas funções como *Konzertmeister* na corte do Arcebispo e dedicou-se, no ano de 1774, à composição de obras como as Sinfonias n.º 29 e n.º 30, Serenatas, *Sonatas da Chiesa*, Missas e o Concerto para Fagote e Orquestra, entre outras. Mozart compôs vários concertos para sopros e orquestra, embora

nem todos tenham chegado aos nossos dias, constituindo o Concerto em programa, que compôs com 18 anos, o primeiro de que temos conhecimento. Do seu catálogo destacam-se ainda os Concertos para Clarinete, K. 622 (1791), Trompa K. 447 (1784-87), Oboé, K. 314 (1777), entre outros, normalmente escritos para instrumentistas virtuosos, como os casos do trompista Joseph Leutgeb (1732-1811) ou do clarinetista Anton Stadler (1753-1812). Por seu turno, o Concerto para Fagote terá sido composto para um dos fagotistas da Orquestra da Corte de Salzburgo, embora a sua encomenda seja por vezes atribuída, sem elementos que o comprovem, ao Barão von Dürnitz (1756-1807), ele próprio músico e compositor.

A obra divide-se em três andamentos, seguindo o modelo rápido-lento-rápido. O primeiro andamento, *Allegro*, em forma sonata, inicia-se com a orquestra num tom majestoso, seguindo-se a intervenção do fagote com um tema elegante acompanhado pelos violinos. O solista completa depois uma série de arpejos ascendentes anunciando novo material temático e uma secção de maior dificuldade técnica, explorando também os diferentes registos. Após uma secção de transição, surge a secção do desenvolvimento e,

posteriormente, a recapitulação do material temático, dando lugar à *cadenza* do solista, antes do final. No segundo andamento, *Andante ma adagio*, mais lírico e melódico como uma ária, os violinos têm destaque inicial, com o fagote a repetir o tema, explorando a dimensão expressiva do instrumento. O *Rondo* final é marcado pela graciosidade dos motivos melódicos com carácter de dança e intervenções mais virtuosísticas do fagote, denotando-se a cumplicidade entre o conjunto instrumental e o solista.

Édouard Lalo

(Lille, 1823 – Paris, 1892)

Sinfonia espanhola, em Ré menor, op. 21

COMPOSIÇÃO 1874

ESTREIA Paris, 7 de fevereiro de 1875

DURAÇÃO c. 32 min.

O compositor francês Édouard Lalo iniciou os seus estudos musicais em Lille, concluindo-os depois no Conservatório de Paris. A sua afirmação como compositor no meio parisiense não foi fácil, tendo passado por alguns períodos de desânimo. Nos últimos vinte anos de vida, compôs algumas das mais relevantes obras do seu catálogo, nomeadamente a *Sinfonia espanhola*. Não obstante o título, é considerada comumente como um concerto para violino e orquestra. A obra foi estreada em 1875 no Théâtre du Châtelet, em Paris, pelo violinista espanhol Pablo de Sarasate (1844-1908), ecoando um certo gosto pela cultura espanhola, que circulava na sociedade parisiense. A *Sinfonia espanhola* encontra-se dividida em cinco andamentos, após a adição do *Intermezzo* pouco antes da estreia, possivelmente a pedido de Sarasate.

O primeiro andamento apresenta um temperamento forte, com a orquestra plena de vigor, seguindo-se uma abordagem virtuosa do violino. O segundo andamento introduz-nos a um ambiente de dança com vários temas inspirados no imaginário sonoro espanhol, que o violinista explora com elegância e carácter. O *Intermezzo* oferece uma sonoridade inicialmente mais intensa, desenvolvendo-se depois sobre o ritmo que remete para a *habanera*, com momentos de maior desafio técnico que contrastam com passagens mais serenas. Segue-se o quarto andamento, *Andante*, mais introspetivo, com uma comunhão perfeita entre a expressividade do solista e a textura orquestral. No andamento final, o violino apresenta um tema vivo e elegante, possivelmente inspirado num motivo de dança espanhola, explorado de forma virtuosa, conduzindo a um final apoteótico.

NOTAS DE PEDRO RUSSO MOREIRA

Miguel Sepúlveda Vencedor do Prémio Jovens Músicos 2022, Miguel Sepúlveda desenvolve uma carreira entusiasmante, destacando-se entre a nova geração de jovens maestros. Em 2023 dirige a Orquestra Gulbenkian e a Filarmónica da BBC, entre outras orquestras. É um convidado regular das orquestras em Portugal, tendo-se estreado recentemente com a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Até ao final da temporada 2023-2024 terá dirigido todas as orquestras portuguesas. No Reino Unido trabalhou com a Manchester Camerata e a New Sinfonia e foi maestro assistente na Filarmónica da BBC e na Real Orquestra Filarmónica de Liverpool, onde colaborou com maestros como Domingo Hindoyan, Omer Meir Wellber, Vasily Petrenko ou Sir Mark Elder, entre outros. No âmbito do seu mestrado no Royal Northern College of Music, com Mark Heron e Clark Rundell, participou na produção de *Mansfield Park*, de Jonathan Dove e Alasdair Middleton, na qualidade de maestro assistente. Anteriormente, estudou com Jean-Marc Burfin na Academia Nacional Superior de Orquestra. Durante esses anos, tocou no concerto de aniversário do Shostakovich Ensemble e trabalhou com músicos como Adrian Brendel, Pascal Moraguès, Benjamin Schmid, Jan Bjøranger e Lars Anders Tomter, bem como na organização do Festival Verão Clássico, no CCB. Em 2021 foi 2.º classificado no Concurso Internacional de Direção da Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras.

Vera Dias Natural de Guimarães, Vera Dias iniciou os seus estudos musicais na Escola Profissional Artística do Vale do Ave, na classe de fagote de Jesus Coelho. Estudou depois com Paulo Martins, tendo terminado o Curso de Instrumentista de Sopros com o Prémio *Dra. Manuela Carvalho*. Aos 18 anos foi admitida na Staatliche Hochschule für Musik – Karlsruhe, na classe de Günter Pfitzenmaier. Licenciou-se pela Escola Superior de Música de Lisboa. Colaborou com a Orquestra Portuguesa das Escolas de Música, a Orquestra Aproxarte, a Sinfónica Portuguesa, a Orquestra de Câmara da Staatliche Hochschule für Musik, a Orquestra de Câmara de Pforzheim,

a Orquestra de Câmara de Estugarda, a Sinfonietta de Lisboa e a Metropolitana de Lisboa. Em 2003 recebeu o 1.º Prémio – Nível Superior, na modalidade de Fagote, no Prémio Jovens Músicos. Em 2004 frequentou a Escola de Verão da Orquestra de Jovens da União Europeia e foi 2.º Prémio no concurso Landespolizei, em Karlsruhe. Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian entre 2003 e 2006. Uma das suas grandes paixões é a música de câmara. Ao seu Trio Euterpe (oboé, fagote e piano) foi dedicada uma obra pelo compositor Sérgio Azevedo. Tocou a solo com várias orquestras, incluindo a Orquestra Clássica da Madeira e a Orquestra Gulbenkian. Desde 2018 é docente na Academia Nacional Superior de Orquestra. É 1.º Solista da Orquestra Gulbenkian desde 2006.

Bin Chao Estudou no Conservatório Central de Música de Pequim, onde se diplomou com distinção, e concluiu o Mestrado no Mannes College of Music de Nova Iorque, onde estudou com David Nadien. O violinista e crítico musical Henry Roth elogiou a musicalidade e a técnica sólida de Bin Chao no livro *Grandes Violinistas*, no qual analisa os 100 maiores violinistas do século XX, de acordo com a perspetiva do autor. Em 1984 foi 2.º classificado no Concurso Nacional de Violino da China. Como solista e músico de câmara, atuou por toda a Europa e na América do Norte. Mudou-se para Lisboa em 1991, tendo participado nos principais festivais de música em Portugal e ainda no Festival de Aspen e no Festival Schumann de Nova Iorque. Entre 1999 e 2001, ensinou violino em Nova Iorque, integrado na iniciativa da Fundação Midori de levar a música às escolas públicas. Em 2001 foi solista convidado no prestigiado Annual English Handbell Festival, em Nova Iorque. Desde 2010, colabora com o Conservatório de Música da Universidade de Lawrence, em Appleton, Wisconsin, nos Estados Unidos da América. Bin Chao toca num violino Carlo Giuseppe Testore de 1715, tendo também instrumentos dos *luthiers* Antonio Capela e Judith Bauer, entre outros. Desde 2014, é professor de violino na Escola Superior de Música de Lisboa. É 2.º Concertino Auxiliar da Orquestra Gulbenkian.

Orquestra Gulbenkian Em 1962, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente, no início constituído apenas por doze elementos e designado Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser pontualmente expandido de acordo com os programas de concerto. Em cada temporada, apresenta-se regularmente no Grande Auditório, em colaboração com os maiores nomes do mundo da música, maestros e solistas.

Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

GULBENKIAN.PT